

ASSIM FALOU NIETZSCHE: UMA BREVE HISTÓRIA DO DEBATE SOBRE A RECEPÇÃO DA FILOSOFIA NIETZSCHIANA PELO PENSAMENTO NAZISTA ^{(1) (2)}

Thus spoke Nietzsche: a brief history of debate about Nietzsche's
reception by nazi thought

JURASKI, V. C.

Recebimento: 01/10/2010 – Aceite: 16/12/2010

RESUMO: O trabalho apresentado pretende ser uma análise condensada sobre as possibilidades de leitura de Friedrich Nietzsche, no presente, e a pertinência da relação realizada por alguns pesquisadores, da obra do filósofo alemão, com os fatos históricos do passado como, por exemplo, as instituições do Terceiro Reich na Alemanha e sua política de discriminação e extermínio. A filosofia que permeia seu discurso merece ser decodificada da mesma forma que as semelhanças entre o pensamento nietzschiano e os acontecimentos que decorreram da ascensão de Adolf Hitler ao Poder, na Alemanha, em 1933, bem como identificar os argumentos usados para defender uma leitura específica de Nietzsche e o impacto causado por sua obra nos círculos de estudos da Europa do século XX – qual era o posicionamento de Nietzsche frente ao antissemitismo e qual sua ideia de “raça”. O debate filosófico-histórico, então pretendido, vem de encontro às discussões acerca de qual ordem é a escrita de Nietzsche, e qual a conveniência de relacioná-la com o movimento nazista na Alemanha, ou a outras correntes de pensamento fascista. Foram utilizados termos como vontade de poder e super-homem, a fim de identificar possíveis distorções na filosofia de Nietzsche, que tivesse relação, direta ou indiretamente, à intolerância racial. Com o intuito de problematizar o passado histórico, através de uma análise filosófica, despertando novas discussões sobre a funcionalidade da filosofia na sociedade contemporânea, e quais perspectivas podem ser aceitas sobre as obras de Nietzsche.

Palavras-chave: Leituras. Nazismo. Friedrich Nietzsche.

ABSTRACT: The work presented is intended be a condensed analysis of the possibilities of reading Friedrich Nietzsche nowadays and the relevance

of a research conducted by some researchers of the work of the German philosopher with historical facts of the past, for instance, the institutions of the Third Reich in Germany and its policy of discrimination and extermination. The philosophy that permeates his speech deserves to be decoded in the same way that the similarities between Nietzsche's thought and the events that resulted from the rise of Adolf Hitler to power in Germany in 1933 as well as to identify the arguments used to defend a specific reading of Nietzsche and the impact caused by his work in study circles in Europe in the twentieth century - which was the placement of Nietzsche against the Antisemitism and his idea of "race"? The philosophical and historical debate, on intended, comes against the discussions about what order is the Nietzsche's writing, and the convenience of relating it to the Nazi movement in Germany or to other fascist trends of thought. Terms such as will-power and super-man were used in order to identify possible distortions in the Nietzsche's philosophy, that relates directly or indirectly to racial intolerance. Thus, discussing the historical past through a philosophical analysis arousing further discussions about the functionality of philosophy in modern society, and what insights can be accepted under the works of Nietzsche.

Key-words: Readings. Nazism. Friedrich Nietzsche.

Introdução

As condições que é preciso ter para me compreender, e para me compreender com necessidade – com demasiada precisão as conheço. É preciso ter uma retidão nas coisas de espírito vizinha da dureza, e isso apenas para suportar a minha gravidade, a minha paixão. É preciso ter a prática de viver sobre as montanhas – de ver abaixo de si a atualidade, lamentável e tagarelante, da política e da raiva egocêntrica dos povos. É preciso ter-se tornado indiferente, é preciso nunca perguntar se a verdade serve, se pode tornar-se fatal... Uma predileção da força pelas questões que hoje ninguém tem a coragem do que é proibido; a predestinação do labirinto. A experiência das sete solidões. Ouvidos novos para uma nova música. Olhos para o mais longínquo. Uma consciência nova para verdades mudas até o dia de hoje. E

uma vontade de economia de grande estilo: o estourar da força, do entusiasmo... o respeito para consigo, o amor por si; liberdade absoluta consigo próprio[...]. (NIETZSCHE, 1888, p. 7-8).

O fragmento transcrito acima, além de introduzir o tema, possibilita uma impressão inicial da filosofia nietzschiana e das imbricações que possivelmente ela teve na realidade das décadas de 1930 e 1940. A pergunta que se impõe ao leitor sério das obras de Nietzsche é como os pensadores do século XX e início do século XXI compreendem a filosofia de Friedrich Nietzsche? Quais as imbricações do terror da Segunda Guerra Mundial na visão da atualidade sobre o pensamento nietzschiano? Talvez essas sejam duas perguntas imprescindíveis para analisar a filosofia de Nietzsche e suas possibilidades de interpretação. O que se observa por parte de pensadores é a não imparcialidade frente ao tema, afinal como Ansell-Pearson (1997) sugere, é impossível ficar indiferente à obra

sedutora estética, poética e filosófica de Nietzsche (3).

A Segunda Guerra Mundial trouxe o totalitarismo, com impacto social na Europa e na América. São exemplos disso: o nazismo na Alemanha, o fascismo na Itália, o governo de Franco na Espanha e, para alguns, o varguismo no Brasil, entre outros. Porém, em relação à presente análise, o nazismo, qual a possibilidade de influência da obra de Nietzsche no clã de Hitler?

Nazismo, racismo e Hitler no poder

[...], deve se sentir compenetrado da sua missão possuidora de uma concepção de mundo e da intolerância que decorre desse dever inato, com relações a outras formações análogas ou hostis e da acentuação da necessidade exclusivista do próprio EU. Não há aqui, também entendimentos, nem compromissos, com aspirações afins mas tão-somente a manutenção do direito único e exclusivo. (HITLER, 1924, p. 375).

Para entender o que se passava na Alemanha, nesse período, é preciso ver Hitler como fruto do seu tempo e compreender a situação da Alemanha, tanto política quanto econômica. Faz-se necessário analisar as correntes filosóficas que permeiam a Europa, nessa época, entre outros fatores que contribuíram para a ascensão de uma visão intolerante de mundo, que, muito mais que eleger um líder, deu corpo a um ideário.

O período entre-guerras, na Alemanha, foi particularmente de grande instabilidade econômica e política. Crises como as de 1923 e 1929 fizeram com que a população se dividisse entre várias tendências políticas, tanto de esquerda quanto de direita. Os partidos social-democrata e socialista detinham grande influência sobre parte do contingente

dos trabalhadores urbanos da Alemanha. Porém, não conseguiam dialogar entre si, devido a dissidências ideológicas. A República de Weimar, como ficou conhecido o território alemão, depois da Primeira Guerra Mundial, pretendia estabelecer um ambiente democrático e de rompimento com o Segundo Reich (4).

Em meio à crise vivenciada pela população alemã, em 1919, ocorreu a criação do Partido Nazista, conhecido com Nacional-Socialista, por Anton Drexler (5). O Nacional-Socialismo tinha, como objetivo inicial, o desenvolvimento da Alemanha a partir de um nacionalismo exacerbado, tanto em questões econômicas, mediante fortalecimento de grupos empresariais alemães, quanto politicamente, demonstrado em apelos à união germânica dos povos na região.

Durante a crise provocada por fatores econômicos, ocorreu uma tentativa frustrada de tomada de Poder, conhecida como Putsch de Munique, em 1923, que acabou levando Hitler, organizador do motim, à prisão em Landsberg, durante um período de pouco mais de um ano – 11 de novembro de 1923 a 20 de dezembro de 1924.

Nesse período, Hitler tomou conhecimento de obras importantes da filosofia alemã (6), além de elaborar sua mais conhecida obra: *Mein Kampf*, que iria se disseminar entre os círculos nazistas na década de 1930 (SCHILLING, 1992, p. 37).

Sabe-se que, somente em 30 de janeiro de 1933, Hitler tomou o Poder e instalou seu regime repressor de Estado, em meio a uma crise nunca antes sentida pelo capitalismo mundial: “Um forte sentimento nacionalista, uma economia a beira do colapso e um sistema político enfraquecido. Esse é um ambiente fértil para a gestação de regimes autoritários e expansionistas” (GALLO, 2004, p. 62). Nota-se uma tendência geral, nesse período, à instalação desses tipos de regime (7).

Ao tomar o Poder, Hitler acabou por descumprir todas as máximas do Partido pré-década de 1930. O discurso nacional-socialista que previa a reforma agrária sem indenização, a nacionalização dos trustes e a participação dos trabalhadores nos lucros das empresas, dissolveu-se em meio às enganosas ameaças de tomada de Poder por parte dos comunistas como, por exemplo, no incêndio do Reichstag na data de 27 de fevereiro de 1933, quando Hitler obteve o poder necessário para instalar o Terceiro Reich (8).

Considerando-se o contexto, a ideia de se construir um homem novo para Hitler, começou, então, a tomar corpo com a aclamação de um passado ainda vivo na mente das pessoas: a humilhação advinda das sanções impostas após a Primeira Grande Guerra, e algo relativamente novo no campo da política: a eugenia (9). Campanhas publicitárias de valorização do ser ariano, acompanhada de medições do tamanho de crânios, pigmentação dos olhos e cor dos cabelos, davam forma a teorias impensadas (10) de seleção e extermínio da população que não se incorporava às exigências do Terceiro Reich. O emprego do termo “eugenia negativa”, para a política fascista, remete a um processo comum do período que prega a inferioridade hereditária de grupos populacionais sobre outros, devendo restringir a reprodução desses grupos, através da esterilização, a segregação e leis restritivas de imigração.

Para Hannah Arendt, notável estudiosa do fenômeno *totalitarismo no século XX*, a pouca resistência aos ideais totalitários, pela maioria da população, era decorrente da incapacidade de explicar um fenômeno que havia colocado por terra todas as “categorias tradicionais do pensamento e de valores”. Ainda, segundo a autora, forjou-se, então, a concepção de homem pelos regimes autoritários (11): “O que o totalitarismo deixou claro foi que parte da humanidade – além dos judeus, todos os povos sem Estado que perambulavam (11) pela Europa – podia

perfeitamente ser declarada não humana” (FRANCISCO, 2007, p. 32).

Nietzsche, racismo e filosofia

Na década de oitenta, à de Nietzsche libertário, outras imagens vieram contrapor-se: a de Nietzsche desnecessário e inoperante, sem escola ou seguidores, pensador contraditório, e irracionalista, precursor do nazismo. Algumas delas chegaram até a reeditar imagens mais antigas: a de Nietzsche racista e anti-semita ou, na melhor das hipóteses, a de Nietzsche comprometido com o pensamento tradicional. Mais recentemente, foi à imagem de Nietzsche pós-moderno, defensor da democracia ou mesmo do feminismo, que acabou por ganhar terreno (MARTON, 2005, p. 15).

A pergunta que se impõe é como compreender Nietzsche na atualidade. Qual a relação de Nietzsche com o que até aqui foi exposto? Muitos estudiosos defendem que o pensamento nietzschiano pôde ser susceptível a tais relações, visto que é elaborado a partir do conflito e pelo pressuposto de que a sociedade não é formada por homens iguais. Na óptica de Taha, por exemplo, o ano de 1933 representou, além da ascensão de Hitler ao Poder, a primeira tentativa de um grupo político organizado aplicar a filosofia de Nietzsche (2007, p. 13). A autora se baseia no fato de que ambos glorificaram a guerra e uma visão de mundo radicalmente aristocrática, buscando a constituição do Super-homem, mediante a exaltação das qualidades e valores do homem superior.

Ainda segundo Taha, tanto Nietzsche quanto os nazistas viam na Vontade de Poder o motor da História, de modo que todo ser vivo, mesmo no mundo animal, tem intrínseco ao seu ser o desejo de poder. O desejo de poder é algo instintivo e, por isso, traz consigo uma moral “além do bem e do mal” (13).

[...] No tribunal de Nuremberg, os juízes ficaram horrorizados com a ausência total de sentimentos humanos “normais nos acusados, como piedade e remorso, quando os crimes eram mencionados [...] Era como se os nazistas vivessem em outro mundo, outra ordem das coisas e de espírito, logo uma visão totalmente diferente do universo e um conjunto de valores transcendendo os conceitos humanistas convencionais de “bem” e “mal”. Eles eram marcianos? Eles eram simplesmente nietzschianos, “*poderosos, dominadores, cruéis e destemidos*”, engajados em uma missão sagrada que deveria levar à criação do Super-homem, independentemente dos sacrifícios humanos exigidos (TAHA, 2007, p. 80).

Outra análise que compreende Nietzsche como pensador avesso ao antissemitismo e refratário a tais “visões simplistas da sociedade”, parte do questionamento conceitual de “raça” em Nietzsche, de modo que nem mesmo o termo ariano foi criado por esse pensador. Gobineau afirma, já em 1853, que

[...] os arianos viviam em pequenas comunidades independentes, incapazes de olhar como iguais as outras criaturas que, com a sua maligna hostilidade, a sua repugnante fealdade, a sua inteligência brutal e a sua pretensão de descender dos macacos, pareciam cair ao nível dos animais (1853: 442). A partir dessa base os arianos expandiram-se, primeiro para criar a civilização indostânica, depois a egípcia, a assíria, a grega, a chinesa, a romana, a germânica, a alemaniana, a mexicana e a peruana. (1977, p. 55).

A defesa da filosofia nietzschiana, perante a doutrina nazista, é feita por Montinari (1999) que afirma que, eleito como grande “interpretador” de Nietzsche, no período entre - guerras, o simpatizante nacional-socialista Bäumler, apesar de conhecer boa parte da obra do filósofo alemão, se atém à

“vontade de potência”, afirmando inclusive que o eterno retorno, conceito tão caro ao pensamento nietzschiano, não tem sustentação na obra póstuma do autor – considerada por ele como a mais importante – ignorando, portanto, todo o acervo anterior aos fragmentos póstumos (15). Segundo Montinari, as obras incompletas de Nietzsche, publicadas postumamente, não concluem o seu raciocínio justamente por se encontrarem fragmentadas. Esses fragmentos póstumos precisam ser entendidos dentro de um quadro em que podem existir rascunhos, já superados, textos abertos a reformulações e fragmentos desconexos.

Outro elemento a ser considerado é a construção do super-homem, tão caro a Nietzsche e aos nazistas. Deve-se ressaltar que o filósofo alemão desvirtua o conceito de raça, até então adotado, a ponto de o super-homem, pretendido por Nietzsche, não pertencer à outra raça, se não à humana (16). Segundo Héber-Suffrin, “o super-homem [...] se ele tem como divisa o ‘sejamos duros’ tantas vezes citado e tantas vezes mal interpretado, não é contra os outros que ele exercerá essa dureza, mas contra si mesmo. A humanidade que ele pretende superar é a sua”.

Nietzsche: uma filosofia para o futuro

Não foi Nietzsche que fez o fascismo, mas o fascismo que fez Nietzsche [...] Nietzsche pressentiu, na sua filosofia de potência, assim como um sensibílimo aparelho receptor e emissor, a ascensão do imperialismo, e anunciou ao Ocidente, como um ponteiro trêmulo, a vinda da época fascista. (MANN apud P.HÉBER-SUFFRIN, 1991, p. 76).

O estudo da obra de Nietzsche pode partir de sua ideia de “universo”, que remete o lei-

tor ao primeiro termo a ser analisado em sua filosofia. Segundo o filósofo alemão, o universo pode ser visto como finito ou infinito. Assim sendo, se é finito teve um início, meio e terá um fim, como toda a natureza. Não há nada de sagrado nisso, exceto a ideia cristã de Juízo Final, própria do fim dos tempos. De outro modo, se o universo é interpretado como infinito, não teve um início, nem meio, nem fim. Assim sendo, não foi criado e não passa por um julgamento final. A figura do eterno retorno é indispensável na compreensão dessa nova proposta de tempo em Nietzsche. Afinal, a não continuidade das coisas, o progresso colocado à prova podem ser vistos com a repetição de possibilidades já vivenciadas outrora, e a repetição do momento presente, infinitamente.

Segundo Nietzsche, o homem é um ser em constante transformação. Isso significa dizer que o homem não pode ser tido como matéria pronta. Dessa forma, desenvolve-se no grupo social uma relação dinâmica de individualização e coletivização. A “vontade de potência” pode ser explicada, então, em vista da relação social. O homem, como ser em mutação, ambiciona, em seu ciclo de vida, um infinito número de coisas. A influência que desenvolve junto aos outros homens ou coisas é tida como vontade de poder. Cabe ressaltar um fator muito importante no desenvolvimento do ser: o querer humano não ambiciona algo definido, como a maioria das pessoas acredita, mas o seu querer é continuar desejando, pelo simples fato de desejar.

Outra observação feita por Nietzsche sobre a natureza do homem, concerne à travessia. Ele afirma que o homem está no meio da travessia, entre um lado e o outro do abismo, suspenso por uma corda, assim como um trapezista no exercício de seu ofício. Mas o que ele pretende diagnosticar com essa afirmação? Nietzsche não quer solucionar a questão com respostas prontas. Então analisa o niilismo no qual está imerso o homem.

Segundo Nietzsche, a definição que melhor sintetiza o que é o niilismo é a noção do nada querer, ou querer o nada, a ausência total de valores. Sendo assim, é apenas com a ascensão do niilismo que o homem poderá superar sua atual condição para algo “além-do-homem” (17). A “morte de Deus” é o primeiro passo rumo ao entendimento da proposta nietzschiana para o reencontro do homem como aquilo que ele é. Afinal, de que outra forma entender o homem sem a presença de Deus? Como aceitar o mundo que rodeia o ser sem a metanarrativa, sem verdades absolutas? É essa ideia que Nietzsche constata ao diagnosticar, com um estudo retrospectivo da História, a perda do lugar central de Deus para a razão, ciência e consumo.

A construção do “super-homem”, portanto, começa a partir da firme convicção da solidão humana. O homem não poderá contar com ninguém na superação de seus próprios valores, nem com o sagrado, nem com os dogmas de um Deus onisciente. Aqui, Nietzsche expõe duas morais: a moral dos senhores e dos escravos, na tentativa de suplantação do niilismo. A moral dos escravos é tida como a continuidade de um projeto social vigente – submissão – enquanto que a moral dos senhores é considerada como o rompimento com o antigo modelo social e a construção de uma nova identidade humana – criação. Ainda que a moral dos senhores seja a responsável pela criação do super-homem nietzschiano, quem dela desfruta ainda não pode ser visto como ser “além-do-homem”, assim como Zaratustra, não é aquele que virá. Os senhores ainda não superaram as amarras sociais que os prendem à realidade.

A Metafísica considera a realidade como reflexo do que seria um mundo verdadeiro, de unidade e “bem”. É através da crença em um mundo verdadeiro que o homem cria para si um universo onde as coisas podem ser reconhecidas e separadas em grupos, conforme

as características intrínsecas a elas. Porém, Nietzsche questiona a Metafísica, os metarrelatos e todas as verdades consideradas como certas pela humanidade. Com isso, coloca em dúvida a unidade e o poder de reconhecimento de características “verdadeiras” em objetos, ou seja, a incapacidade de agrupar. Se isso acontece com objetos, o que se dirá do homem e da separação de homens em raças distintas?

Considerações finais

Quando se lê no início da segunda parte: “Minha doutrina está em perigo”, esse perigo não consiste no fato de que setenças e pensamentos de Zarathustra não sejam tomadas ao pé da letra em relação às suas intenções, mas que sejam tomadas ao pé da letra por pessoas que não os conquistaram e vivenciaram e por isso não têm nenhum direito sobre eles (SALAQUARDA, 1997, p. 19).

Ao fazer alguns apontamentos finais sobre o texto, interessa dizer que o trabalho cumpriu com seus objetivos iniciais, basicamente voltados para a geração do debate. Mas, como todo o trabalho de pesquisa, esse possui algumas lacunas teóricas que podem ser preenchidas por outros estudos. A atualidade produz muitos materiais sobre o Terceiro Reich, e a vastidão desses livros, periódicos e artigos, impossibilitou um maior aprofundamento teórico sobre a biblioteca do Führer e, no caso específico, se Nietzsche também constava entre os livros procurados pelo clã de Hitler. Porém, a análise histórica e filosófica das apropriações dos textos de Nietzsche permite que o trabalho deixe questões a serem debatidas para o surgimento de novas compreensões. Essa característica, presente na atualidade, faz parte do paradigma “pós-moderno”, que se contrapõe à corrente filosófica imediatamente anterior, ou seja, ao pensamento “moderno” ou “iluminista”.

O paradigma pós-moderno tem seu ápice entre 1968 e 1989, apesar de ainda ter influências sobre as sociedades do século XXI devido, em parte, à não existência de novas utopias. Muitos pesquisadores acreditam que o pós-modernismo advém da desilusão de parte da geração de 1968 com o seu futuro, surgindo, então, a fragmentação das leituras históricas – a história do homossexualismo, feminismo, da loucura, etc. – ou seja, depara-se com o enfoque histórico das minorias discriminadas pelas outras esferas da sociedade.

Para o paradigma pós-moderno, não existe um centro difusor de informações ou poder e, se acaso esse centro viesse a existir, não poderia deixar de ser questionado. A história, por sua vez, não tem um fim determinado, assim como não deve ter uma moral pré-definida. A principal característica dessa corrente de pensamento não é a preocupação em estabelecer uma teia de argumentos contundentes que venham a persuadir o público da “verdade”, mas, ao contrário, buscar a valorização do subjetivo e do relativismo.

Em contrapartida, o paradigma moderno é marcado pelo racionalismo e pela tentativa de compreender a História da humanidade como um todo homogêneo. O auge dessa corrente de pensamento se deu entre 1950 e 1968, tendo como principais defensores algumas correntes do pensamento marxista e a Escola dos Annales (1929-1969).

Segundo esse paradigma, a História tem um caráter científico e deve ser compreendida como “história-problema”, sendo dirigida ao coletivo, menos susceptível de mudanças, preocupando-se com o estrutural e transindividual, ao invés do indivíduo.

O paradigma moderno afirma que a História vem em um sentido determinado, encaminhando o homem gradativamente a um futuro seguro. Para isso, a “história-problema” deve ter uma atenção especial aos espaços físicos, de modo a localizar o homem em um contexto determinado. Essas certezas

que os pensadores modernos transmitem às massas começaram a ser questionadas durante a chamada III Revolução Industrial, devido às mudanças sociais ocasionadas pela difusão dos meios de comunicação e pela influência das novas tecnologias no cotidiano das pessoas.

Percebe-se, como tendência, a interpretação que pesquisadores ligados a uma corrente filosófica moderna fazem do pensamento nietzschiano, na tentativa de relacionar o filósofo alemão à doutrina nazista, enquanto que os defensores do pós-modernismo têm, na filosofia de Nietzsche, o baluarte da transposição do paradigma moderno, concebendo o filósofo como um livre pensador que antevê o pós-modernismo como corrente

de pensamento preeminente. Conclui-se, portanto, que, por detrás do debate filosófico sobre Nietzsche e o nazismo, encontra-se a disputa pela hegemonia entre dois paradigmas distintos: o pensamento moderno e o pós-modernismo.

Nessa perspectiva, o pensamento nietzschiano passa a ser não apenas fonte de inspiração para determinada corrente econômica ou política, mas um emaranhado de possibilidades que se entrecruzam e voltam a se cruzar em variados pontos, permeando os diversos meios sociais e oferecendo diferentes interpretações a novos paradigmas que surjam na tentativa frequente do homem em compreender sua história.

NOTAS

- (1) Artigo elaborado por Vanderlei Cristiano Juraski, pós-graduando em Orientação Educacional e Supervisão Escolar – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – CAMPUS DE ERECHIM – graduado no curso de História, em 2009, pela mesma Instituição.
- (2) Esse estudo, elaborado em forma de artigo, foi concebido em sua origem como trabalho monográfico para a obtenção da titulação de licenciado em História, pelo autor. Estruturado em três capítulos – “A ascensão do regime nazista”, “Nietzsche, uma filosofia para o futuro” e “Teoria nietzschiana, prática nazista?” – tem por intuito elencar argumentos de diversos autores defensores e contrários da associação de Nietzsche ao nazismo e analisar as possibilidades de leitura desse filósofo na atualidade.
- (3) As pesquisas na atualidade têm em Nietzsche uma inesgotável fonte de inspiração para os mais diferentes assuntos; porém, algumas dessas análises pretendem, apenas, conseguir identificar, nos discursos e escritos do totalitarismo do século XX, uma tendência nietzschiana; no entanto, qualquer conclusão que for obtida, a partir desses apontamentos, guiará as pesquisas a novas dúvidas, e o consenso sobre o sentido da filosofia de Nietzsche, dentro das ideias totalitárias do século XX, ficará profundamente comprometido.
- (4) Esse ambiente democrático, incorporado às restrições econômicas impostas pelos aliados para com a Alemanha, advindas do Tratado de Versalhes e as perdas humanas e materiais durante a Guerra, fez da República de Weimar uma democracia fadada ao fracasso.
- (5) No mesmo ano, Adolf Hitler, ainda um desconhecido combatente da Primeira Guerra Mundial, ingressou no Partido.
- (6) Segundo Voltaire Schilling, em seu livro *O nazismo – breve história ilustrada*, Hitler tomou conhecimento de obras de Schopenhauer e Nietzsche.

- (7) Segundo Max Gallo, o exemplo italiano é o mais nítido nesse sentido. Na marcha realizada pelos fascistas, não se esboçou nenhuma reação por parte das autoridades locais para conter o avanço do grupo que tem por principal comandante Mussolini.
- (8) Como é de consenso na atualidade, o incêndio do Reichstag fora uma manobra de grupos nazistas na tentativa de que o então presidente Hindenburg concedesse ao chanceler alemão amplos poderes para limitar as liberdades individuais.
- (9) A eugenia é uma prática antiga que remete aos padrões de beleza gregos e à força dos exércitos de Esparta, ou ainda, séculos antes, ao código de higiene dos hebreus. Em Esparta, por exemplo, todos os nascimentos eram submetidos a exames por um Conselho de anciãos. Inclusive o judaísmo tem como regra de aceitação a circuncisão, assim como a descendência (DIWAN, 2007, p. 78).
- (10) A associação que é realizada, única e exclusivamente, da eugenia com a Alemanha nazista é um grave equívoco, pois sua prática era realizada em vários outros países como os Estados Unidos, por exemplo, que programaram o mais bem-sucedido e organizado plano de eugenia da História. Financiado por grandes empresas, como a Fundação Rockefeller que, com o dinheiro do petróleo financiou e apoiou a prática na França, Suécia e na própria Alemanha (DIWAN, 2007, p. 78).
- (11) Ela inclui sob a denominação regime autoritário tanto o nazi-fascismo como o stalinismo.
- (12) O debate sobre os direitos do cidadão e, por conseguinte, sua humanidade, estava na época intimamente atrelado ao pertencimento ou não a um determinado país.
- (13) Esse referido poder, portanto, não pode ser considerado como sendo poder econômico ou político, mas sim, o desejo de expandir sua influência no meio em que se está inserido. As inovações tecnológicas, a hegemonia econômica e política, o intercâmbio de ideias, enquanto constituintes de uma sociedade marcada pela supremacia cultural de alguns meios difusores dos mais elevados ideais, segundo Nietzsche, são inerentes ao conflito entre diferentes visões de mundo marcadas, cada uma, por sua vontade de Poder independente.
- (14) Para Montinari (1999, p. 74), é comprovado, pela análise dos jornais que circulavam na época, que o Terceiro Reich simplificou a filosofia de Nietzsche a fim de elas servirem aos ideais nazistas, mas, na verdade, “ele (Nietzsche) tem haver [...] muito mais com a Alemanha de Guilherme II do que a de Hitler”.
- (15) Vale lembrar que “Vontade de Potência” é a obra mais susceptível de distorções filosóficas, justamente por se tratar de uma compilação póstuma de textos incompletos.
- (16) Para desgosto de grupos nazistas que tentavam acoplar a teoria nazista ao pensamento de Friedrich Nietzsche.
- (17) Nietzsche aponta a arte como uma das formas encontradas pelos gregos para superar o niilismo, no exemplo do trapezista que cumpre sua missão alegremente.

AUTOR

Vanderlei Cristiano Juraski - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Erechim. Aluno da Pós-Graduação em Orientação Educacional e Supervisão Escolar. Formado em História, pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Erechim. E-mail: wander_ju@hotmail.com

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Angela Mendes de. **A República de Weimar e a ascensão do nazismo**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- ARALDI, Clademir Luís. Para uma caracterização do niilismo na obra tardia de Nietzsche. **Cadernos Nietzsche**, São Paulo, SP, nº 5, p. 75-94, 1998.
- Disponível em < <http://www.fflch.usp.br/df/gen/cn/edicoes.html>>. Acesso em: 12 out 2009.
- BANTON, Michael; BESSA, António Marques (Trad.). **A idéia de raça**. Lisboa (Portugal). São Paulo: Edições 70, Martins Fontes, 1979.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- DIWAN, Pietra. Eugenia, a biologia como farsa. **História Viva**. São Paulo, SP, Ano V, n. 49, p. 76-81, set. 2007.
- FISCHLER, Hersch. O estopim da escalada nazista. **História Viva**. São Paulo, SP, Ano II, n. 16, p. 50-54, fev. 2005.
- FRANÇOIS-PONCET, André. Mais que derrota, humilhação. **História Viva**. São Paulo, SP, Ano III, n. 33, p. 38-39, jul. 2006.
- _____. Povo unido pela indignação. **História Viva**. São Paulo, SP, Ano III, n. 33, p. 40-42, jul. 2006.
- _____. Tratado de paz, ameaça de Guerra. **História Viva**. São Paulo, SP, Ano III, n. 33, p. 30-37, jul. 2006.
- GALLO, Max. O rei oferece o poder a Mussolini. **História Viva**. São Paulo, SP, Ano I, n. 8, p. 64-66, jun. 2004.
- HÉBER-SUFFRIN, Pierre. **O “Zaratustra” de Nietzsche**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- HITLER, Adolf. **Minha luta**. São Paulo: Centauro, 2001.
- LOPEZ, Luís R. **Do Terceiro Reich ao Novo Nazismo**. Porto Alegre: Ed. da Universidade UFRGS, 1992.
- MASSON, Philippe. Hindenburg cede lugar a Hitler. **História Viva**. São Paulo, SP, Ano I, nº 8, p. 67-69, jun. 2004.
- MONTINARI, Mazzino. Interpretações Nazistas. **Cadernos Nietzsche**. São Paulo, SP, n. 7, p. 55-77, 1999.
- Disponível em < <http://www.fflch.usp.br/df/gen/cn/edicoes.html>>. Acesso em: 12 out. 2009.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do bem e do mal ou Prelúdio de uma filosofia do futuro**. 5. ed. São Paulo: Hemus, 1995.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Ecce homo**: como cheguei a ser o que sou. São Paulo: Martin Claret, 2002.

SALAGUARDA, Jörg. A concepção básica de Zaratustra. **Cadernos Nietzsche**. São Paulo, SP, n. 2, p. 17-39, 1997.

Disponível em < <http://www.fflch.usp.br/df/gen/cn/edicoes.html>>. Acesso em: 12 out. 2009.

SCHILLING, Voltaire. **O Nazismo**: breve história ilustrada. 3. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995.

TAHA, Abir. **Nietzsche, o profeta do nazismo**: o culto do super-homem revelando a doutrina nazista. São Paulo: Madras, 2007.

VOLPI, Franco. **O nihilismo**. São Paulo: Loyola, 1999. p. 27-33, p. 43-65, p. 137-143.

